A Desinibida do Grajaú

*um conto de Sérgio Porto*

*adaptação: Geraldo Carneiro*

Bloco 1

Cena 1 - IMAGENS DO GRAJAÚ. EXT. DIA.

Imagens aéreas explorando as árvores, as praças e o bucolismo

do bairro.

OSWALDO (off) Eu moro ali no Grajaú. Conhece?

PASSAG. (off) Mais ou menos.

OSWALDO (off) Desde bacori, eu me amarro no Grajaú. Se

o Redentor descesse lá do Corcovado e me pedisse

pra eu mudar pra Copa, Ipanema, Barra, eu dizia:

"Olha aqui, meu irmão: eu sei que tu é o maior

pistolão com o pessoal lá de cima, mas me deixa

aqui no meu mocó!" Porque o Grajau é um céu! (mu-

dando de tom) Pelo menos era.

Cena 2 - RUA DO GRAJAÚ. EXT. DIA.

A câmara mostra um caminhão de mudanças estacionando diante

de um prédio.

PASSAG. (off) *Era*? Era por quê?

OSWALDO (off) Porque um dia tô eu descendo do meu cafofo,

pra apanhar a minha viatura, e vi um caminhão de

mudança parando justo na frente do mocó onde eu

me escondo.

PASSAG. (off) E daí?

A câmara corrige e mostra um carro parando logo atrás do cami-

nhão. A câmara se aproxima e mostra uma mulher belíssima ao

volante.

OSWALDO (off) Daí que eu tô saindo, de bobeira, quando

*derependente* dou de cara com aquele monumento.

PASSAG. (custando a entender) Que *monumento*? Mulher?

A moça belíssima abre a porta do carro. A câmara faz o clássi-

co movimento de mostrá-la a partir dos pés, depois a saia cur-

ta e, enfim, por inteiro. A imagem se congela.

OSWALDO (off, sonhador) Não...

PASSAG. (off) Quer dizer que não era mulher?

Cena 3 - RUAS DA CIDADE. EXT. DIA.

Oswaldo em seu táxi, contando a história para o passageiro ins-

talado no banco de trás.

OSWALDO (em estado de graça retrospectiva) Não... Aquilo não

era uma mulher. Era uma pintura, um pitéu, um sarapa-

tel. Parecia a Vênus de Milo, (ilustrando com os

próprios braços) e ainda tinha os dois bracinhos. Aqui-

lo era um anjo que tinha acabado de cair do céu.

PASSAG. Isso é exagero seu.

OSWALDO Exagero o escambau. Se eu pego aquela deusa eu dava-

lhe um castigo, trocava o óleo, fazia a barba, o ca-

belo, o bigode, e ainda dava um realce nas axilas.

PASSAG. De onde é que saiu essa mulher?

OSWALDO Estrela de cinema.

PASSAG. Não brinca?

Cena 4 - NIGHT CLUB (CENA DE FILME). INT. NOITE.

Atmosfera enfumaçada. Marlene num vestido estilo Rita Haymorth

se aproxima de um microfone, num provável papel de crooner de

boate. Sorri para a câmara.

OSWALDO (off, retificando) Quer dizer, estrela mesmo, não.

Andou fazendo umas pontas, não é assim que diz?

PASSAG. (off) É isso mesmo.

OSWALDO (off) Diz a galera que primeiro ela fez uma cantora

de boate. Mas entrou muda e saiu calada.

Cena 5 - COFRE DE BANCO. INT. DIA.

Marlene vestida de guerrilheira, com uma metralhadora em riste,

recebe uma valise carregada de dinheiro. Três funcionários do

banco mantêm-se de mãos para cima.

OSWALDO (off) No outro filme ela fazia uma dona que era

meio baranga, meio bandidona.

Marlene metralha os três funcionários, que caem fulminados no

chão.

OSWALDO (off) Diz a rapaziada que, nesse, a voz da deu-

sa finalmente deu o ar da sua graça.

MARLENE (irônica, como se dialogasse com os mortos) Muito

obrigada. (e se afasta)

PASSAG. (off) Ela falou?

OSWALDO (off, enfático) Falou e disse.

Cena 6 - RUAS DO RIO. EXT. DIA.

O táxi em meio ao trânsito.

PASSAG. (off) Você não viu o filme?

OSWALDO (off) Vi nada. Tá achando que eu vejo esses *filme*

nacional? Filme, pra mim, só americano, com *strip-*

*tease*, peitão e bababau.

PASSAG. E como é que ela foi parar no cinema?

OSWALDO (só agora revelando o nome da deusa) A Marlene? Foi

por acaso.

Cena 7 - PRAIA DO LEME. EXT. DIA.

Marlene caminha na areia da praia, trazendo esteira e barraca.

OSWALDO (off) Antes de armar o mafuá dela no Grajaú, essa

criatura morava ali no Leme. Vivia na praia, com

aquela saúde toda.

Corte. Marlene tomando sol.

OSWALDO (off) Claro que ficava assim de gavião querendo

ajudar a esticar esteira, a enfiar o pau da bar-

raca, querendo isso, querendo aquilo.

Um garotão halterofilista se aproxima e sorri para Marlene,

oferecendo-lhe um côco.

OSWALDO (off) Mas o bibelô fazia jogo duro. Deixava a

rapaziada matando cachorro a psiu.

Corte. Um rapaz magrinho se aproxima. Acocora-se ao lado de

Marlene e entabula conversação a princípio inaudível.

OSWALDO (off) Um dia chegou um gabiru *meio completamente*

bichardênia levando um lero que parecia furado, mas

que o monumento nacional achou interessante.

GABIRU (docemente afeminado) Sabe o que é, Marlene? Você,

com essa sua plástica, esse jeito assim de sereia

do Leme, se eu fosse você, minha nega, eu me ins-

crevia no Garota da Praia.

Os dois continuam a conversa inaudível.

PASSAG. (off) Garota da Praia? Que diabo é isso?

GABIRU (off) É um concurso de beleza.

PASSAG. (off) E ela concorreu?

Cena 8 - PASSARELA DE CLUBE. INT. DIA.

Doze garotas alinhadas, entre as quais Marlene.

OSWALDO (off) Concorreu o escambau: venceu.

Marlene recebe a inaudível notícia, sorri emocionada. Explodem

flashes sobre seu rosto. Ela recebe a faixa da antecessora.

OSWALDO (off) E venceu de barbada, pule de 10. Eu tô lhe di-

zendo: aquilo não é uma mulher: é um cavalo de raça.

PASSAG. (off) E como é que ela foi parar no Grajaú?

OSWALDO (off) Diz a rapaziada que foi falta de grana.

Cena 9 - RUA DO GRAJAÚ.

Repete-se a mesma imagem da cena 2: Marlene desembarca de seu

carro.

OSWALDO (off) Mas, como eu ia lhe dizendo, quando aquela

catedral desembarcou no Grajaú, foi um fuzuê do

capeta.

A câmara mostra Oswaldo saindo de seu prédio, do outro lado da

rua. Ele pára, como se congelado, na contemplação.

OSWALDO (off) Eu, que tava saindo pra pegar a minha via-

tura, fiquei parado, assobiando mamãe-eu-quero,

olhando aquela maravilha da natureza. E não fui

só eu não.

A câmara corrige e sobe até o primeiro andar, e mostra Arnaldo

em plena contemplação da deusa.

OSWALDO (off) O seu Arnaldo, um coroa vizinho meu do pri-

meiro andar, mesmo sendo especializado em mulata,

também ficou cheio de amor pra dar.

A câmara corrige de novo e sobe ainda mais. Idem.

OSWALDO (off) E o seu Eugênio, que mora em cima, mesmo sen-

do babaquara, ficou babando na gravata.

A câmara sobe ainda mais e mostra Ismaelzinho, pós adolescente,

na mesma fascinação.

OSWALDO (off) E até Ismaelzinho, filho do síndico, um guri

cheio de espinha que estuda pra ser padre, ficou

ali feito besta, como se tivesse vendo Nossa Senho-

ra de Lourdes.

PASSAG. (off) Não tô entendendo.

Cena 10 - RUAS DA CIDADE. EXT. DIA.

OSWALDO Não tá entendendo o quê?

PASSAG. Você disse que, quando essa moça chegou, foi um

fuzuê. Eu ainda não entendi qual foi o motivo.

OSWALDO (com um sorriso irônico e filosófico) O motivo,

brother? Pois eu vou lhe perguntar assim, de ho-

mem pra homem: qual é bicho que Deus botou no

mundo só pra criar tudo quanto é espeto, hein?

Me diz.

PASSAG. (após pequena hesitação) Mulher?

OSWALDO (afirmativo) Falou e disse: *mulher*. Não tem uma

situação ruim que uma mulher não seja capaz de

piorar. A minha então, além de ser um bacalhau,

a mãe dela é um estrupício!

PASSAG. Mas o que é que isso tem a ver com a chegada da

tal da Marlene?

OSWALDO O quê? Quando viu aquele boeing fazendo concorrên-

cia no prédio da frente...

Cena 11 - DIANTE DO EDIFÍCIO DE MARLENE. EXT. DIA.

Marlene orienta os funcionários da companhia responsável pela

mudança. Emoldurando o fragmento de cena, a máscara de um bi-

nóculo.

OSWALDO (off, arrematando a fala) ... aquele monte de te-

co-teco começou a espernear.

Cena 11 - AP DE LEOCÁDIA. INT. DIA.

Ismaelzinho observa Marlene através de um binóculo. Leocádia,

sua mãe, entra na sala e vê o filho em plena curtição visual.

OSWALDO (off) Primeiro, foi a Leocádia, a megera da mãe

do Ismaelzinho, que pegou o guri bizoiando os

talentos da vizinha.

Leocádia permanece impressentida, aproxima-se da janela e des-

cobre quem é o objeto da veneração binocular do filho.

LEOCÁDIA (baixo, para si) Vaca!

Cena 12 - CORREDORES DO PRÉDIO. INT. DIA.

Leocádia caminha marcial.

OSWALDO (off) A megera descobriu que Marlene era a deusa

do altar do gabiruzinho e foi direto no sindicato

da bagulhada.

Cena 13 - AP DE ESPERANÇA. INT. DIA.

LEOCÁDIA Vocês já viram a sirigaita que está morando aí

em frente?

ESPERANÇA Sirigaitíssima!

LEOCÁDIA Deve ser uma dessas prostitutas sustentadas por

um coronel. Tem até carro.

MARIANA (tímida e etérea) Não, dona Leocádia.

LEOCÁDIA Não o quê, Mariana?

MARIANA O carro ela ganhou num concurso de beleza.

LEOCÁDIA Como é que você sabe?

ESPERANÇA Quem lhe disse?

MARIANA Foi seu João.

A imagem se congela.

PASSAG. (off) Quem é seu João?

Cena 14 - RUAS DA CIDADE. EXD. DIA.

OSWALDO (com raiva inexplicável) Seu João é um faxineiro

vagabundo, pé-de-cana e presepeiro, que não tra-

balha pomba nenhuma, nem sabe lavar carro, se eu

fosse do Comando Vermelho metia uma azeitona tre-

zoitão nos quengo desse velho safado!

PASSAG. (voltando ao assunto) E a Leocádia?

OSWALDO A Leocádia? Não acreditou neres de pitibiribas no

que a outra disse. E como pra mulher qualquer lu-

gar é zona do agrião, ainda entrou de sola.

Corta rápido para...

Cena 15 - AP DE ESPERANÇA. INT. DIA.

LEOCÁDIA Concurso de beleza os colarinhos! Esses concursos

de beleza! É tudo pornografia!

ESPERANÇA Também acho.

LEOCÁDIA Essa vizinha é uma biscateira!

Cena 16 - PRÉDIO DE MARLENE. EXT. NOITE.

Marlene desembarca de seu carro e entra em seu prédio. Fusão.

Através da janela, vê-mo-la entrando em casa, tirando casual-

mente as peças de roupa. Nova fusão. Marlene chega ao banhei-

ro, acaba de despir-se e entra no banho.

PASSAG. (off) E a Marlene?

OSWALDO (off) Não tava nem aí, aquela força da nature-

za. O único *porém* é que, como dizia o outro,

continuava deixando a moçada com água na boca.

Cena 17 - PRÉDIO DE OSWALDO. EXT. NOITE.

Diversos binóculos e lunetas contemplam maravilhados o banho

de Marlene.

OSWALDO (off) Foi aí que entrou o padre.

PASSAG. (off, perplexo) Padre? Que padre?

Cena 18 - AP DE LEOCÁDIA. INT. NOITE.

Leocádia, seu marido Leovigildo e o padre Ponciano fazem um

pequeno concílio na sala, com ar grave.

OSWALDO (off) Padre Ponciano, um padre meio babaquara

que dava aula de latim ao Ismaelzinho.

PADRE Tenho notado que o nosso Ismaelzinho anda muito

nervoso, dona Leocádia.

LEOCÁDIA Eu sei, padre Ponciano.

PADRE Eu não queria preocupar a senhora e o Dr Leovigil-

do, mas creio que nós precisamos descobrir o moti-

vo desse comportamento arredio. Mesmo fisicamente

a senhora há de convir que o menino está mais ma-

gro. Magérrimo.

A imagem se congela.

PASSAG. (off) Magérrimo por quê?

OSWALDO (off) Ora, porque o guri passava o dia fazendo justiça

com as próprias mãos.

A imagem se anima.

LEOVIGILDO Vamos parar com esse cerca-lourenço, padre Ponciano.

Afinal de contas, que bicho mordeu o Ismaelzinho?

PADRE Eu não sei, Dr Leovigildo.

LEOCÁDIA Pois eu sei!

LEOVIGILDO Então diz, minha santa: o que é?

LEOCÁDIA Mulher!

PADRE Mulher???

LEOVIGILDO Mulher???

PADRE Mas, dona Leocádia... Um futuro seminarista... O

Ismaelzinho é uma grande vocação!

LEOVIGILDO Que mulher é essa, minha santa? Desembucha, pelo

amor de Deus!

LEOCÁDIA Ismaelzinho não teve nada com essa mulher.

PADRE Graças a Deus!

LEOCÁDIA Ele está é obcecado por uma visão.

PADRE (invocando incoluntariamente o demo) Mas que diabo

de visão é essa?

LEOCÁDIA (passando-lhe o binóculo) Tome. E veja com seus

próprios olhos, como São Tomé.

Corte descontínuo. Padre Ponciano vê Marlene emoldurada pela

máscara do binóculo, instalada num sensualíssimo robe-de-

chambre. Gradua o foco. Fixa a vista no decote exuberante da

moça.

LEOCÁDIA (off) Está vendo?

PADRE (off) Estou. (numa frase ambígua) É uma coisa

extraordinária...

LEOVIGILDO (off) Quem é essa mulher?

LEOCÁDIA (câmara nela, enquanto o padre permanece no

binóculo) Uma vagabunda, uma dessas sem-ver-

gonhas do cinema, uma despudorada que se exi-

be assim quase nua. Onde já se viu uma coisa

dessas aqui, numa zona residencial. (percebe

que Ponciano continua grudado no binóculo) Pa-

dre Ponciano!

PADRE (baixando o binóculo, disfarçando) É uma coisa

terrível!

LEOVIGILDO E o que é que Ismaelzinho tem com ela?

LEOCÁDIA Nada. Graças a Deus. Mas está sendo tentado por

essa pecadora.

LEOVIGILDO E o que é que você quer que eu faça?

LEOCÁDIA A coisa mais óbvia, Leovigildo: essa mulher pre-

cisa ser expulsa daqui.

Neste preciso momento, entra Ismaelzinho e vê o padre com seu

binóculo na mãe.

ISMAEL (perplexo, dando-se conta da investigação, de que

fora descoberto em sua secreta veneração e supondo

o provável veredito condenatório, as prováveis cha-

mas do Inferno etc.) Padre Ponciano!

Ismaelzinho desmaia, bate a cabeça na quina do sofá e sangra

abundantemente.

PADRE Meu Deus! É uma tragédia!

------------------------------------------------------------------

INTERVALO COMERCIAL

------------------------------------------------------------------

Bloco 2

Cena 19 - AP DE LEOCÁDIA. INT. DIA.

Continuação da cena anterior. A empregada negra e gorda entra

correndo na sala.

LEOCÁDIA Meu Deus do céu! O Ismaelzinho está se esvaindo

em sangue!

EMPREGADA Ai, meu São Benedito!

LEOVIGILDO (a Leocádia, agachando-se) Tenha calma, minha santa.

(examinando o filho) O menino se feriu, mas não é

nada grave.

PADRE Graças a Deus!

LEOCÁDIA (furibunda) Graças a Deus? (indo irada até a janela)

Graças àquela vagabunda exibicionista da Zona Sul!

(possessa) Leovigildo: você é o *síndico*, Leovigildo!

Você tem que tomar uma atitude, senão eu mato essa

desgraçada! Eu mato!

PASSAG. (off) E Marlene?

Cena 20 - PRÉDIO DE MARLENE. EXT. DIA.

Em seu apartamento, vista do PV de Leocádia, Marlene caminha de

robe-de-chambre em direção a seu quarto.

OSWALDO (off) Não tava nem aí. Tava de anjo na parada.

Cena 21 - RUAS DA CIDADE. EXT. DIA.

Oswaldo ao volante, o outro no banco de trás.

OSWALDO Nem se tocou que o circo tava pegando fogo, que o

pau ia comer feio e o urubu já tava de garfo e faca

só esperando a carniça. (sinistro, como quem narra

uma guerra) E o cerco foi se fechando.

PASSAG. Que cerco?

Cena 22 - PRÉDIO DE MARLENE. EXT. DIA.

Ela em casa, de baby-doll, assistindo à TV.

OSWALDO (off) Tudo quanto era gabiru da vizinhança resolveu

botar as manguinhas de fora, fazendo graça com es-

perança de pegar aquele peixão pra fazer um sururu

de capote.

Enquanto Oswaldo narra, Marlene ergue-se e atende a campainha. É

um entregador trazendo uma corbeille de flores. Diálogo inaudí-

vel. Através de gestos, Marlene pergunta quem mandou as flores

e o entregador indica o prédio em frente. Marlene vai até a ja-

nela e vê seu Arnaldo à janela, sorrindo e acenando como um ga-

lã à moda antiga.

OSWALDO (off) Seu Arnaldo foi logo mandando flor. E a deu-

sa da minha rua pensou até em dar um tchauzinho pra

ele, só pra ver o coroa matusquela caindo pela jane-

la abaixo.

Marlene dá o tchauzinho. Arnaldo perde o equilíbrio e cai pela

janela.

PASSAG. (espantado, off) O quê? O coroa caiu pela janela?

OSWALDO (off) Não, porque Marlene resolveu não dar o tchau-

zinho. Mas se desse, bau-bau.

A imagem faz um *rewind* e volta à imagem de seu Arnaldo acenando

galante. Marlene suspira e se afasta. Corte.

Cena 23 - AP DE MARLENE. INT. DIA.

Marlene serve-se de água da geladeira.

PASSAG. (off) Mulher bonita é assim mesmo. Fica todo mundo

em cima.

OSWALDO (off, enfático) Não, tu não sabe o que era. Negui-

nho pegando pesado, entrando de sola, tudo quanto

era vagabundo marcando na pressão...

Quando Marlene se volta, há um vizinho de janela pendurado os-

tensivamente na área de serviço fronteira, com um sorriso cre-

tino. Marlene, irritada, sai da cozinha.

Cena 24 - QUARTO DE MARLENE. INT. NOITE.

Marlene tira o baby-doll. Após fazê-lo, volta-se e dá de cara

com o morador de um edifício lateral, um vizinho gordo, de

cueca samba-canção, supondo-se herói de porno-filme.

OSWALDO (off) Aquele bibelô tava mais assediado que Maraca

em dia de Fla-Flu. O pessoal é flórida!

Marlene bate a veneziana na cara do vizinho.

Cena 25 - ELEVADOR. INT. DIA.

Oswaldo e Ismaelzinho no elevador.

OSWALDO (off) Um dia eu tava descendo no elevador com o

Ismaelzinho. Me lembro como se fosse hoje.

Oswaldo dá um tapa amigável no ombro de Ismaelzinho, cuja

aparência é cada vez mais doentia.

OSWALDO (sorrindo) E aí, Ismaelzinho? Tá magro, hein, bro-

ther! Magro e cheio de espinha na cara. Já olhou no

espelho? Tu tá parecendo um abacaxi. É ou não é?

ISMAEL (tímido e evasivo) É...

O elevador chega ao térreo. Ismaelzinho abre a porta.

OSWALDO (à saída) É melhor tu tomar umas vitamina e parar

de pensar em sacanage, senão tu vai acabar estican-

do as canela.

Cena 26 - SAGUÃO DO EDIFÍCIO. EXT. DIA.

Oswaldo e Ismaelzinho caminham para a saída do prédio.

OSWALDO (off) Quando eu ia saindo do mocó, dei de cara com

aquela aparição.

Os dois param fascinados com a visão de Marlene.

Cena 27 - DIANTE DO PRÉDIO DE MARLENE. EXT. DIA.

Marlene sai de casa de biquini, com uma sumaríssima saída de

praia e demais apetrechos para a ocasião.

PASSAG. (off) Marlene?

OSWALDO (off) Ela mesmo. Aquele monumento tinha resolvido

ir à praia, como se fosse um negócio normal.

PASSAG. (off) E não era?

Plano geral da rua, pessoas passando e um carro em baixa

velocidade: ante a aparição de Marlene, todos os circuns-

tantes se imobilizam, como petrificados. O carro dá uma

freada e pára pouco adiante.

OSWALDO (off) Era nada. Sabe que ela parou o trânsito?

PASSAG. (off) Tá brincando?

OSWALDO (off) Não, falando sério.

A câmara faz uma panorâmica vertiginosa e se detém numa pequena

quitanda, de onde sai um tipo de longos bigodes, como hipnoti-

zado, após cerrar a porta de correr do estabelecimento.

OSWALDO (off) Até o galego da quitanda, um ladrão desgraçado

que só pensa em fungar no cangote da gente, até o ga-

lego largou a loja e veio ver aquela pintura, queren-

do fazer com ela a mesma coisa que os galego que vie-

ram antes fizeram com o Brasil.

PASSAG. (off) E ela?

A câmara faz nova panorâmica vertiginosa e volta à saída de Mar-

lene.

OSWALDO (off) Fingiu que nem se tocou que tinha fechado o co-

mércio. Só entrou no carro e *sartou* fora.

Marlene imita a narração do herói.

Cena 28 - RUAS DA CIDADE. EXT. DIA.

PASSAG. E daí?

OSWALDO E daí o quê?

PASSAG. Não tô vendo nenhum drama.

OSWALDO (enfático) Não tá vendo? Não tá vendo porque eu só

te contei a parte aqui de baixo. O que tu não sabe

é que, na horinha que o avião saiu de casa, foi o

maior bumba-meu-boi.

Cena 29 - AP DE ARNALDO. INT. DIA.

Marlene sai de sua casa, como na cena 27, agora vista através de

um binóculo. A câmara abre o campo e mostra Arnaldo à janela, bi-

nóculo em riste. Mariana entra na sala e pega-o em flagrante.

OSWALDO (off) Primeiro foi seu Arnaldo. Quando tava urubuser-

vando a decolagem de Marlene, entrou Mariana, um ba-

calhau que era meio noiva dele, e pegou o zé-mané

com a boca na botija.

MARIANA (chocada com o que vê) Arnaldo!

Mariana sai injuriada.

Arnaldo leva as mãos ao rosto, arrasado.

OSWALDO (off) Mas pior foi seu Eugênio.

PASSAG. (off) Pior por quê?

Cena 30 - BOTEQUIM. INT. DIA.

Oswaldo e seu Eugênio diante do balcão, bebendo.

OSWALDO (off) Outro dia mesmo eu tava matando umas cervas

com seu Eugênio e dei um toque nele.

OSWALDO (a Eugênio) Já viu essa coisa de louco que mudou

aí pro 246?

EUGÊNIO (filosófico) Não vi, nem quero ver.

OSWALDO Que é isso, seu Eugênio? Endoidou?

EUGÊNIO Não, meu filho. Eu sou da seguinte opinião: mulher

que a gente não pode apanhar, o melhor é fingir

que não vê.

OSWALDO Como é que é?

EUGÊNIO É isso mesmo. Eu vou ficar olhando essas tetéias

pra quê? Só pra me atormentar? Não, é fubá demais

pro meu bico.

Os dois continuam seu diálogo inaudível.

PASSAG. (off) Mas afinal o que foi que aconteceu com seu

Eugênio?

Cena 31 - AP DE ESPERANÇA. INT. DIA.

OSWALDO (off) Aconteceu que o velho veio com essa casca-

ta do tico-tico no fubá, mas na hora do H tava

era de olho no lance.

Tal como na narração, Eugênio espia de binóculo a saída de

Marlene para a praia. Súbito, entra Esperança.

OSWALDO (off) Só não contava que dona Esperança, que é

um tribufu peso pesado, fosse pegar ele com a

mão na massa.

ESPERANÇA (perplexa) Que é isso, Eugênio?

EUGÊNIO (disfarçando) Tava só olhando o Cristo.

ESPERANÇA E desde quando o Cristo fica lá pra baixo? Será

que Cristo agora mora nos infernos, seu safado,

cachorro, velho gaiteiro!

EUGÊNIO Mas Esperança!...

ESPERANÇA Não me venha com lorota, seu deletério, seu sátiro

gagá! Eu sei que você está de olho nessa sirigaita

aí da frente. (ditatorial) Passa pro quarto, Eugê-

nio!

EUGÊNIO (relutando) Esperança, por favor...

ESPERANÇA Passa, já!

EUGÊNIO Tá certo, Esperança. Você falou, tá falado.

ESPERANÇA Eu vou tomar as minhas providências, Eugênio. Não

pense que isso vai ficar assim!

OSWALDO (off) E não ficou mesmo.

PASSAG. (off) O que foi que a velha fez?

Cena 32 - CANDOMBLÉ. EXT. DIA.

Um pai-de-santo todo paramentado diante do jogo de búzios. Es-

perança à sua frente.

OSWALDO (off) Foi procurar um tal de Pai Mundinho, um que é

babalorixá lá no Engenho de Dentro, que faz cada

feitiço de arrasar quarteirão.

ESPERANÇA (choraminguenta) Imagina só, pai Mundinho, que essa

bruxa tá morando justo na frente da minha casa, e o

pior é que eu já vi que o Eugênio está se babando

por ela. Olha, pai Mundinho: eu faço qualquer negó-

cio pra acabar com a vida dessa sirigaita. O senhor

me ajuda?

O pai-de-santo faz uma cara sombria e enigmática.

PASSAG. (off) E ele? Ajudou?

Cena 33 - ENCRUZILHADA. EXT. NOITE.

Esperança se aproxima da encruzilhada trazendo dois frangos pre-

tos vivos, farofa, velas etc.

OSWALDO (off) Ajudou. Tirou uma grana preta da Esperança,

depois mandou ela fazer despacho pra tudo quanto

era caboco na encruzilhada do lado do cafofo de

Marlene.

ESPERANÇA DIZ PALAVRAS EM NAGÔ

Corte descontínuo. Esperança acende as velas ao redor dos fran-

gos mortos.

PASSAG. (off) E o despacho? Funcionou?

Cena 34 - DIANTE DO PRËDIO DE MARLENE. EXT. DIA.

Marlene sai de casa e embarca em seu carro.

OSWALDO (off) Mais ou menos.

PASSAG. (off) Mais ou menos como?

OSWALDO (off) Que funcionou, funcionou.

Marlene arranca com seu carro. A câmara a acompanha até que pas-

se pela encruzilhada, sem que nada aconteça.

OSWALDO (off) Mas não funcionou em cima de Marlene.

PASSAG. (off) Por quê?

OSWALDO (off) Porque ela tinha o corpo fechado.

Uma velhinha simpática vem caminhando na calçada. Detém-se jun-

to à encruzilhada. Observa o despacho.

OSWALDO (off, sobre imagens acima) O caboco castigou foi

uma velha que passou na encruzilhada.

Súbito, a velha ouve um barulho às suas costas. De seu PV, ve-

mos um ônibus agigantar-se em sua direção. Close da velha em

pânico.

OSWALDO (off) Um 761 subiu na calçada e deu-lhe uma trau-

letada.

Corte descontínuo. A velha estendida no chão, com as velas ace-

sas em redor.

OSWALDO (off) Ainda usaram as velas do despacho pra despa-

char a velha.

PASSAG. (off) Coitada...

OSWALDO (off) Pois é... (animado) Mas foi nesse mesmo dia

que aconteceu o milagre...

Cena 35 - RUAS DA CIDADE. EXT. DIA.

PASSAG. Que milagre?

OSWALDO Olha bem pra minha cara: tu não acha que eu sou aque-

le pé-rapado que nasceu pra dar rasteira em sapo e

pra comer o pão que o capiroto amassou?

PASSAG. Sinceramente?

OSWALDO Sinceramente.

PASSAG. Eu acho.

OSWALDO (sorrindo glorioso) Pois é. Mas nesse mesmo dia que

o 761 empacotou a velha, nesse mesmo dia - era dia

12 de outubro, eu não esqueço, pra mim é feriado na-

cional - , eu tava sem grana, matando cachorro a

psiu, mais desocupado que gari da Comlurb. Tu é ca-

paz de adivinhar o que foi que me aconteceu?

PASSAG. (expectante) O quê?

Cena 36 - RUAS DA CIDADE. EXT. DIA.

Oswaldo ao volante.

OSWALDO (off) *Derependente*, quando eu já tava achando que

não ia pegar mais nem resfriado, eu vi aquela coisa

do outro mundo...

Do PV de Oswaldo, vemos Marlene à beira da calçada.

PASSAG. (ansioso, off) Quem?

OSWALDO (off) Ela mesma, ao vivo e a cores, fazendo sinal

pra minha viatura!

Oswaldo pára o táxi, cara a cara com Marlene.

------------------------------------------------------------------

INTERVALO COMERCIAL

------------------------------------------------------------------

Bloco 3

Cena 37 - RUAS DA CIDADE. EXT. DIA.

Marlene embarca no carro e bate a porta.

PASSAG (off) Eu não acredito! Embarcou no teu carro, o

avião?

OSWALDO (off, glorioso) Eu tô lhe dizendo: o mundo gira,

a lusitana roda. Virou, mexeu, tava eu assim, no

mano a mano com aquela apoteose.

PASSAG. (off, ansioso) Era ela, a Marlene?

Cena 38 - RUAS DA CIDADE. EXT. DIA.

Oswaldo com o passageiro, agora no banco da frente.

OSWALDO (sempre glorioso) Em carne e osso, ao vivo e a co-

res.

PASSAG. Tá brincando?

OSWALDO Não. Eu juro pela sua mãe mortinha.

PASSAG. E o que é que tu fez?

OSWALDO Me deu vontade de dizer um monte de coisa bonita

pra ela.

PASSAG. Dizer o quê?

Cena 39 - RUAS DA CIDADE. EXT. DIA.

Oswaldo, absoluto, com Marlene no banco de trás. Ao parar num

sinal, ele se volta, encarando-a, e diz:

OSWALDO (com um charme imprevisível) Olha aqui, princesa:

eu não vou ficar de conversa mole contigo. Eu sei

o que é que uma mulher com os seus atributos fí-

sicos e espirituais provoca na moçada. Mas eu,

sinceramente, tenho por você um sentimento assim

meio diferente. Desconfio até que já andei conhe-

cendo a sua pessoa desde outra encarnação, sabe

como é?

Marlene se interessa pelo charme e pela conversa.

Cena 40 - RUAS DA CIDADE. EXT. DIA.

Oswaldo e o passageiro.

PASSAG. (fascinado) Genial! Você disse isso?

OSWALDO (arrasado) Disse nada. Só pensei. Quando vi aquele

monumento aqui, dentro da minha viatura, sumiu tu-

do que era idéia da minha cabeça. E eu fiquei ali,

com o circo armado, sem poder botar o palhaço no

picadeiro.

PASSAG. (perplexo) Você não disse *nada*?

Cena 41 - RUAS DA CIDADE. EXT. DIA.

Oswaldo com Marlene no banco de trás.

OSWALDO (off) Dizer eu disse.

PASSAG. (off) Disse o quê?

Após longa pausa, durante a qual suspira e examina Marlene de

rabo de olho através do retrovisor.

OSWALDO (sem graça) Bonito dia, hein?

PASSAG. (off) Só isso?!

OSWALDO (off) Só.

Cena 42 - RUAS DA CIDADE. EXT. DIA.

PASSAG. (indignado) Tá brincando! Você, com aquele avião

no carro, só disse isso?

OSWALDO (desolado) Pois é. Aquele anjo caiu do céu justo

na minha viatura e eu só disse isso.

PASSAG. (imitando o outro) "Bonito dia"?

OSWALDO (arrasado) Bonito dia.

PASSAG. E ela?

OSWALDO Nem respondeu. Só pediu pra eu deixar ela na Vis-

conde de Pirajá com Vinícius.

PASSAG. (suspirando) E você deixou?

Cena 43 - VISCONDE DE PIRAJÁ. EXT. DIA.

Oswaldo pára na esquina.

OSWALDO (off) Fazer o quê? Deixei.

Marlene paga Oswaldo. Faz menção de sair.

OSWALDO (off) Mas quando ela ia saindo, eu ainda tentei um

golpe.

OSWALDO (detendo-a) Faz favor.

MARLENE O que foi?

OSWALDO (estendendo-lhe a mão, mostrando as diversos atrati-

vos de seu carro) A madame aceita um drops, um licor

de cacau, um cigarrinho?

MARLENE (séria) Não, muito obrigada.

Marlene fecha a porta e caminha em direção a um shopping.

OSWALDO (off) E aí eu vi a minha felicidade batendo as asi-

nhas naquele ticaticabum de Ipanema.

Cena 44 - RUAS DA CIDADE. EXT. DIA.

Oswaldo e o passageiro.

OSWALDO (ainda comentando a cena anterior, com ódio) Pira-

nha!

PASSAG. Piranha por quê?

OSWALDO (ressentido) Depois andei sabendo que ela tinha um

amásio lá mesmo naquela área.

PASSAG. (ainda meio triste com o desfecho do affair) E quem

era o felizardo?

OSWALDO Era um coroa, um tal de Eduardo Galisteu, o bam-bam-

bam da recauchutagem de granfina.

PASSAG. Cirurgião plástico?

OSWALDO É.

PASSAG. Já ouvi falar. E como foi que esse coroa apanhou a

Marlene?

Cena 45 - TERRAÇO DE COPACABANA. EXT. NOITE.

Fogos de artifício no céu. A câmara acompanha os fogos até de-

ter-se numa varanda onde há uma festa chique. Marlene à beira

da amurada, deslumbrante, num vestido longo. Eduardo Galisteu,

num summer-jacket, se aproxima.

OBS: para baratear a produção, só há meia dúzia de convidados

de black-tie na varanda: o grosso da festa estaria no interior

do apartamento.

OSWALDO (off) Foi numa festa de bacana, na passagem do ano.

PASSAG. (off) Reveillon?

OSWALDO (off) É. O coroa chegou perto dela, ficou olhando

com olho de peixe morto, e disse:

EDUARDO (charmoso) Você é uma prova irrefutável da existên-

cia de Deus. E se não passar comigo o próximo fim-

de-semana, eu me mato, me atiro do alto do Pão de

Açúcar, e você vai ser conhecida como o carrasco da

cirurgia plástica made in Brazil.

Marlene sorri.

EDUARDO Como é? Você aceita ou não aceita?

A conversa continua inaudível.

PASSAG. (off) E ela? Aceitou?

OSWALDO (off) Diz que aceitou e que foi esse coroa que botou

ela no cinema...

Cena 46 - NIGHT CLUB. INT. NOITE.

Continuação da cena 4. Marlene estilo Rita Hayworth se aproxi-

ma do microfone.

OSWALDO (off, cont.) ... naquele tal filme que ela entra

muda e sai calada, quer dizer, mais ou menos ca-

lada, porque tem uma hora que ela canta...

Marlene começa a cantar.

OSWALDO (off, cont.) ... Só que a voz não é dela, é de uma

negona lá do Estácio...

Cena 47 - RUAS DA CIDADE. EXT. DIA.

Oswaldo e o passageiro.

OSWALDO (cont.) Aliás, essa negona é gente minha, uma vez

eu peguei ela mamadona, de madrugada, saindo do

Barbarella, e aí: pimba!, tirei os balangandã da

miséria!

PASSAG. E a Marlene? Continua com o tal médico?

OSWALDO Sei lá. Falar a verdade, eu não boto muita fé nes-

sa história do amásio, nessa eu não aposto o meu

fiofó, porque quem lançou o babado lá na minha área

foi dona Esperança, o tribufu ventoso, e essa, além

de macumbeira, é a rainha da cascata. (m.t.) Mas o

negócio pegou fogo mesmo foi no dia da lavagem.

PASSAG. Que lavagem?

Cena 48 - DIANTE DO PRÉDIO DE MARLENE. EXT. DIA.

Marlene sai de seu prédio de short e blusa amarrada pouco abaixo

do busto, trazendo um balde e demais apetrechos necessários à

higiene automobilística.

OSWALDO (off) Não te contei? Num domingo de chuva, Marlene

não tinha o que fazer - imagina que pecado: se eu

pego aquele pitéu num dia de chuva eu fazia era

muito *biribi no beicinho do bibi*, muito samba-lelê,

muito ninguém-é-de-niguém...

PASSAG. (off) Conta. O que foi que aconteceu?

OSWALDO (off) O monumento resolveu dar um banhozinho no

carro dela, que tava mais sujo que banheiro do

INAMPS.

PASSAG. (off) E daí?

OSWALDO (off) Daí que ela meteu uma blusinha daquelas

amarradinha em cima do umbigo - sabe qual é?

PASSAG. (off) Sei.

OSWALDO (off) E pior: meteu um shortzinho amarelo. Mas

aquilo não era um short. Tem um camarada meu que

diz que short é um negócio curtinho, tu saca es-

ses papo de francês?

PASSAG. (off) É isso mesmo.

Cena 49 - FACHADA DO EDIFÍCIO DE OSWALDO. EXT. DIA.

Duzentos binóculos assestados na direção de Marlene.

OSWALDO (off) Pois é, aquilo não era um short, era um

*mini-shortíssimo*. Se o bibelô já era cheia de

graça sem aquilo, com aquilo então era um carro

alegórico.

PASSAG. (off) E daí?

Cena 50 - CORREDORES DO EDIFÍCIO. INT. DIA.

Arnaldo caminha em direção à porta de seu Eugênio.

OSWALDO (off) Aí começou o corre-corre no meu mocó.

Arnaldo toca a campainha. Mariana abre a porta.

MARIANA (surpresa, meio encantada) Arnaldo?

ARNALDO (nervoso, sem dar atenção à provável futura es-

posa) Seu Eugênio está? É urgente.

Seu Eugênio surge detrás de Mariana. Ela meio se volta para o

recém-chegado.

EUGÊNIO O que foi?

Arnaldo faz um gesto significativo por detrás de Mariana. Ela

se volta e pega ainda o esboço do gesto.

ARNALDO Eu queria te falar uma coisa. Vamos até a minha

casa?

O velho gaiteiro acompanha o amigo. Mariana percebe o signifi-

cado da manobra.

Cena 51 - AP DE ARNALDO. IN. DIA.

Arnaldo e Eugênio entram às pressas, deixam a porta encostada,

dirigem-se à janela.

ARNALDO Depressa.

EUGÊNIO Ela está nua? Nuinha da silva?

ARNALDO Quase. Está com um short infernal, lavando o carro.

EUGÊNIO (esfregando as mãos) Ôba! Não quero nem que Deus

me ajude!

Cena 52 - DIANTE DO PRÉDIO DE MARLENE. EXT. DIA.

Marlene lavando seu carro.

OSWALDO (off) Enquanto Marlene tava lá naquele espetáculo,

só na esfregação...

Cena 53 - QUARTO DE LEOCÁDIA. INT. DIA.

Ismaelzinho revira como um doido o quarto de sua mãe. Joga

para cima, escancara gavetas etc.

OSWALDO (off, arrematando) ... quem tava a perigo era o

Ismaelzinho, porque a megera da mãe dele tinha

malocado o binóculo, e ele ali, na hora do H,

precisando de um realce visual.

ISMAEL (enquanto procura) Minha Nossa Senhora de Lourdes,

me ajude, pelo amor de Deus!

OSWALDO (off) O guri tanto fez promessa pra tudo quanto

era santo que acabou desencavando o binóculo da

megera e correu pra sala pra olhar o banho de

Marlene.

Cena 54 - BANHEIRO DE LEOCÁDIA. INT. DIA.

Leocádia cantarola debaixo do chuveiro. Fecha a torneira.

OSWALDO (off) O diabo é que a megera tava saindo do banho.

Cena 55 - AP DE LEOCÁDIA. INT. DIA.

Leocádia sai do banheiro enrolada numa toalha, com uma segunda

toalha à guisa de turbante.

OSWALDO (off, arrematando) ... E quando viu aquele quarto

revirado, de pernas pro ar, no maior banzé, achou

que neguinho tinha armado pra cima dela. Correu

até a janela e botou a boba no trombone, com aque-

la voz de araponga que Deus lhe deu:

Leocádia chega à janela.

Cena 56 - FACHADA DO PRÉDIO. EXT. DIA.

Leocádia chega à janela e berra a plenos pulmões.

LEOCÁDIA (berrando) Socorro! Ladrão!

------------------------------------------------------------------

INTERVALO COMERCIAL

------------------------------------------------------------------

Bloco 4

Cena 57 - RUAS DA CIDADE. EXT. DIA.

O táxi de Oswaldo leva uma fechada de um ônibus.

OSWALDO (berrando, ao motorista) Olha aqui, ô baba-ovo:

tu vai é tomar um chá de pemba na tarraqueta lá

nos quinto dos inferno!

Oswaldo ainda uma banana na direção do ônibus.

OSWALDO (ainda injuriado, em tom mais baixo) Tomara que

caia do viaduto, pegue fogo e mate essa cachor-

rada toda! (ao passageiro) Onde era mesmo que eu

tava?

PASSAG. A tal da Leocádia tinha chegado na janela pra pe-

dir socorro. E aí? O que foi que aconteceu?

Cena 58 - DIANTE DO PRÉDIO DE MARLENE. EXT. DIA.

Marlene continua lavando seu carro. A câmara explora os detalhes

sensuais da cena.

OSWALDO (off) Nada.

PASSAG. (off, perplexo) Nada?

Cena 59 - FACHADA DO PRÉDIO DE OSWALDO. EXT. DIA.

A câmara percorre as diversas janelas, onde nossos personagens

mais alguns figurantes observam Marlene munidos de binóculos,

lunetas, o diabo.

OSWALDO (off) A rapaziada não desgrudava o olho do avião.

Podia ter um terremoto, um furacão, o escambau,

que vagabundo não sartava de banda dali.

A câmara, por fim, faz uma panorâmica vertiginosa e chega

numa velhinha toda cheia de curativos, gesso no braço, banda-

gens na cabeça etc, vista através de sua janela.

OSWALDO (off) Mas tu tá lembrado da velhinha do despacho,

aquela que o 761 passou em cima dela?

PASSAG. (off) Lembro, sim.

Vemos a velhinha discando o telefone.

OSWALDO (off) A velha ouviu os berros da Leocádia, pegou

no telefone e chamou a polícia.

Cena 60 - RUAS DA CIDADE. EXT. DIA.

PASSAG. (perplexo) Mas a velha não tava morta?

OSWALDO Não, tinha só se quebrado toda e desmaiado. Vai

ver que os caboco viram que o despacho não era

pra ela e resolveram dar um refresco.

PASSAG. E Leocádia?

Cena 61 - AP DE LEOCÁDIA. INT. DIA.

Leocádia percebe vazia a gaveta onde havia escontido o binóculo.

OSWALDO (off) Nessa altura do campeonato, Leocádia sacou

que quem tinha feito o fuzuê no quarto dela não

era nenhum amigo do alheio: era Ismaelzinho.

PASSAG. (off) E aí?

OSWALDO (off) Aí o pau comeu.

Cena 62 - CORREDORES. INT. DIA.

Esperança em passos marciais aproxima-se da porta do apartamento

de Arnaldo.

OSWALDO (off) Dona Esperança, o tribufu ventoso, viu Mariana

chorando por causa de seu Arnaldo e adivinhou logo

qual era a mágoa do bacalhau. Correu até o apartamen-

to do coroa mulatista...

Cena 63 - AP DE ARNALDO. INT. DIA.

Esperança empurra a porta entreaberta, entra e vê Arnaldo e seu

Eugênio de costas, observando Marlene.

OSWALDO (off, cont.) E pegou ele e seu Eugênio na maior bi-

noculagem.

ESPERANÇA (irada) Eugênio!

OSWALDO (off) Aí foi aquele circo.

Corta rápido para...

Cena 64 - AP DE LEOCÁDIA. INT. DIA.

Leocádia entra na sala, sempre de toalha e turbante, e pega Is-

maelzinho binoculando.

LEOCÁDIA Ismaelzinho!

Corta rápido para...

Cena 65 - AP DE OSWALDO. INT. DIA.

Oswaldo na sala de seu apartamento, binóculo em riste. Sua mu-

lher, até aqui desconhecida, entra na sala e o surpreende.

MULHER Oswaldo!

Cena 66 - RUAS DA CIDADE. EXT. DIA.

PASSAG. (surpreso) Até pro teu lado sobrou?

OSWALDO Pois é, eu tinha tomado umas cana e comido um fran-

go marítimo, tava sofrendo do *figo*, e aproveitei

pra passar no mocó e dar uma bizoiada no bibelô.

PASSAG. E o que foi que você fez?

OSWALDO O que é que a gente faz? Mandei aquela desculpa mais

esfarrapada que cueca de *mindingo.* Acho que todo mun-

do fez a mesma coisa.

PASSAG. E colou?

OSWALDO (suspirando) Colou nada.

Cena 67 - AP DE OSWALDO. INT. DIA.

MULHER Tá achando que eu sou imbecil?

Corta rápido para...

Cena 68 - AP DE LEOCÁDIA. INT. DIA.

LEOCÁDIA (a Ismaelzinho, que se mantém no binóculo) Tá achan-

do que eu sou idiota?

Corta rápido para...

Cena 69 - AP DE ARNALDO. INT. DIA.

ESPERANÇA (a Eugênio) Tá achando que eu sou burra?

EUGÊNIO Você tá enganada, minha santa. Eu estava justamente

convencendo o Arnaldo a não espionar os vizinhos.

ESPERANÇA E você pensa que eu vou acreditar nessa baboseira?

Eu não sou imbecil.

ARNALDO (metendo a colher) Ninguém chamou a senhora de imbe-

cil.

ESPERANÇA (a Arnaldo) Cale a boca! O senhor é o principal cul-

pado... Trazendo meu marido pra ver aquela prostitu-

ta...

EUGÊNIO (canalha) Lá isso é verdade.

ARNALDO A senhora não sabe o que está dizendo.

ESPERANÇA Não seja pérfido, seu Arnaldo. O senhor acha que nin-

guém aqui no prédio conhece a sua ficha?

ARNALDO Eu não devo satisfações a ninguém. E além disso sou

viúvo.

ESPERANÇA Viúvo e debochado! Todo mundo sabe das farras que o

senhor faz aqui dentro com as suas crioulas.

Mariana entra impressentida e assiste ao diálogo.

ARNALDO (indignado) Crioulas, não! Caboclas! Eu nunca andei

com crioulas!

OSWALDO (off) Nisso entrou a Mariana.

A imagem se congela.

PASSAG. (off) Aquela tal que era meio noiva do Arnaldo?

OSWALDO (off) Essa mesma.

PASSAG. (off) E o que foi que ela fez quando ouviu o coroa

fazer a confissão?

A cena se anima. Mariana dá um grito e leva as mãos os olhos

como se quisesse apagar a imagem do quase noivo.

MARIANA (gritando) Não!

ARNALDO (sem graça) Perdão, Mariana... Eu...

MARIANA (feroz, à porta, de saída) Seu racista!

E sai correndo e chorando rumo ao corredor. Esperança, indignada

vai até a janela.

ESPERANÇA A culpa eu sei muito bem de quem é.

Cena 70 - DIANTE DO PRÉDIO DE MARLENE. INT. DIA.

Marlene lava tranquilamente seu carro.

ESPERANÇA (off) A culpa é dessa cadela desgraçada! (aos ber-

ros) Sua indecente!

Marlene pára de lavar o carro e volta-se de cenho franzido na

direção da ofensa.

Cena 71 - FACHADA DO PRÉDIO DE OSWALDO. EXT. DIA.

Dona Esperança à janela, berrando.

ESPERANÇA É isso mesmo que você ouviu, sua indecente! Sua

sem vergonha!

Os dois cenários passam a se alternar.

MARLENE (berrando, injuriada, as mãos na cintura) Sem ver-

gonha é a senhora sua mãe!

ESPERANÇA Lugar de vagabunda mostrar o umbigo é no teatro!

MARLENE Vá se meter com a sua vida, sua bruxa gorda!

As duas continuam a trocar xingamentos inaudíveis.

PASSAG. (off) Que barraco!

OSWALDO (off) Tu ainda não viu nada. Enquanto o avião

e o tribufu tavam dizendo essas coisa bonita

uma pra outra...

Cena 72 - AP DE LEOCÁDIA. INT. DIA.

Ismaelzinho firme no binóculo. Seu Leovigildo acaba de entrar

em casa. D. Leocádia, sempre de toalha e turbante, faz um ges-

to mostrando o filho à janela.

OSWALDO (off, arrematando) ... Dona Leocádia tinha cha-

mado seu Leovigildo pra dar uma dura em Ismael-

zinho.

LEOCÁDIA Está vendo, Leovigildo? O nosso filho está hip-

notizado pela pecadora.

Leovigildo, com autoridade patriarcal, aproxima-se de Ismael-

zinho.

LEOVIGILDO Me dá esse binóculo aqui, Ismaelzinho!

Ismaelzinho nem se abala, continua na contemplação.

LEOVIGILDO Me dá, senão eu tomo à força!

Como Ismaelzinho não responde, Leovigildo arranca-lhe o binóculo

com um safanão. Ao fazê-lo, provoca a queda do rapaz pela janela.

Cena 73 - RUAS DA CIDADE. EXT. DIA.

PASSAG. O quê? O guri caiu pela janela?

OSWALDO Caiu.

PASSAG. E morreu?

Cena 74 - AP DE LEOCÁDIA. INT. DIA.

OSWALDO (off) Morreu nada.

Do PV da janela da sala, a câmara mostra Ismaelzinho pendu-

rado na grade superior da janela do andar de baixo.

OSWALDO (off) O guri era tão carola que algum santo lá

do céu resolveu dar uma mãozinha a ele: ficou

pendurado igual macaco no galho.

Cena 75 - FACHADA DO PRÉDIO DE OSWALDO. EXT. DIA.

A câmara mostra Ismaelzinho pendurado na grade, a pelo menos

uns 15 metros do chão.

PASSAG. (off) E aí?

Câmara faz nova panorâmica vertiginosa até chegar à mesma ve-

lha de cenas anteriores. Tal como na Cena 59, vemos a velhinha

à janela de seu apartamento, ao telefone.

OSWALDO (off) Aí aquela velha que tomou ferro do 761, e

depois chamou a polícia, viu Ismaelzinho pendu-

rado e ligou pro Corpo de Bombeiros.

Cena 76 - AP DE LEOCÁDIA. EXT. DIA.

Do PV de Ismaelzinho, vemos Leocádia e Leovigildo em pânico, à

janela da sala.

OSWALDO (off) E o guri quase abotoou o paletó. Foi na

horinha do H que chegou o reforço.

O rosto gordo e negro da empregada assoma à janela.

PASSAG. (off) Que reforço?

OSWALDO (off) Benedita, empregada de Leocádia, vulgo Be-

neditão, uma negona parruda que acabou pescando

o mané do Ismaelzinho.

Benedita dá a mão a Ismaelzinho e iça-o com a maior competência

física.

LEOCÁDIA (abraçando o filho, comovida) Graças a Deus!

OSWALDO (off) Mas aí já tinha começado a guerra.

Cena 77 - FACHADA DO EDIFÍCIO. EXT. DIA.

Esperança à janela, cada vez mais furibunda, brandindo uma vas-

soura.

ESPERANÇA (aos berros) Piranha!

Cena 78 - DIANTE DO PRÉDIO DE MARLENE. EXT. DIA.

Marlene em pé de guerra, já com vários circunstantes em torno,

reunidos para apreciar a contenda.

MARLENE (a Esperança, aos berros) Piranha é sua mãe,

porque a senhora não tem nem físico pra isso!

Os cenários se alternam.

ESPERANÇA (à platéia) É porque esta terra não tem polícia,

por isso é que as vagabundas vêm morar no lugar

de gente decente!

MARLENE (fazendo um gesto grosseiro) Aqui pra senhora!

ESPERANÇA Saia daí, sua vagabunda, senão eu vou te botar

pra fora!

MARLENE Pois vem botar que eu quero ver!

ESPERANÇA (erguendo uma vassoura) Eu vou te matar, sua

desgraçada! Eu vou te matar!

Esperança caminha até a porta.

EUGÊNIO (tentando detê-la) Espera aí, Esperança.

Ela dá-lhe um chega-pra-lá e sai porta afora.

ARNALDO (a Eugênio) Que espeto!

-----------------------------------------------------------------

INTERVALO COMERCIAL

-----------------------------------------------------------------

Bloco 5

Cena 79 - RUAS DA CIDADE. EXT. DIA.

Oswaldo e o passageiro.

PASSAG. Vai me dizer que dona Esperança cumpriu mesmo

a ameaça?

OSWALDO O quê? Depois da banana no capricho que o bi-

belô mandou pra ela, o tribufu ventoso botou

fogo pelas ventas e partiu pra ignorância.

Cena 80 - DIANTE DO PRÉDIO. EXT. DIA.

Esperança sai de seu prédio, acompanhada por Eugênio.

PASSAG. (off) Não brinca?

OSWALDO (off) Brinco. Saiu balançando a vassoura e bu-

fando igual um dragão.

EUGÊNIO (procurando demovê-la) Esperança, minha santa,

volta pra casa!

ESPERANÇA (sem se voltar) Não me aporrinha, Eugênio!

EUGÊNIO (tentando chamá-la à razão) Que é isso, minha

filha? Você enlouqueceu?

ESPERANÇA (já gritando para Marlene à distância) Você vai

ver com quem se meteu, sua vagabunda!

Num provável contra-plongé à maneira de Eisenstein, a câmara

se compraz em exibir a força do tribufu.

Marlene se atemoriza. Um grupo de circunstantes põe-se à sua

frente, como uma espécie de guarda pretoriana armada de im-

proviso. Ismaelzinho surge correndo e põe-se à frente dos de-

fensores de Marlene.

ISMAEL A senhora não vai bater na moça não.

ESPERANÇA (ameaçadora) Saia daí, seu moleque!

ISMAEL (heróico) Não vai bater não!

Os demais manifestam em coro sua aprovação.

TODOS É isso mesmo. Não vai bater. Vai pra casa.

MARLENE (ainda ofendida) Volta pra casa, megera.

Ao perceber que não conseguirá superar a barreira dos machos

solidários, Esperança decide vingar-se no carro de Marlene e

aplica-lhe uma vassourada no paralama, onde, por obra da pan-

cada, produz-se uma mossa.

MARLENE (arrasada) Meu carro! (para Esperança) Seu

dragão sem alvará!

E, ato contínuo, ergue o balde cheio d'água, utilizado até

então para lavar o carro, e despeja-o na outra. Esperança

tosse de sufocação e ódio. Em seguida, parte para cima de

Marlene.

ESPERANÇA Sua cachorra, você vai ver uma coisa!

MARLENE (encarando) Vem, sua gorda, que eu vou te

dar uns sopapos!

As duas agarram-se pelos cabelos.

ESPERANÇA Sua piranha!

MARLENE Sua velha gorda!

Um rapaz procura conter o tribufu ventoso. Eugênio, que vi-

nha chegando atrás, mete-lhe a mão na cara. Arnaldo, que

acompanhara o amigo à distância, acerta outro rapaz. Um ter-

ceiro acerta um safanão em Arnaldo, que cai estatelado na

calçada. Injuriado, o viúvo ergue-se, recolhe a vassoura a-

bandonada por Esperança e sai como um helicóptero espalhando

gente.

OSWALDO (off, sobre imagens acima) Aí eu não preciso

nem contar. O pau comeu feio. Foi o maior su-

ruru.

PASSAG. (off) E a polícia, não veio?

Cena 81 - OUTRO PONTO DA RUA. EXT. DIA.

O carro de polícia se aproxima em velocidade, com a sirene à

toda.

OSWALDO (off) Veio. Mas tu não sabe como é que meganha

é metido a besta? No que a viatura entrou na

avenida, na contramão, deu um bruta catiripapo

no carro dos bombeiros! Catapau!

O carro da polícia dobra a esquina, com a habitual prepotên-

cia, e choca-se com o carro dos bombeiros. A imagem sincro-

nizada à descrição.

Cena 82 - DIANTE DO PRÉDIO. EXT. DIA.

Continua a briga.

OSWALDO (off) Nisso o pau continuava comendo lá na zona

do agrião.

A câmara mostra alguns golpes e em seguida detém-se em Ismael-

zinho imóvel no meio da briga, olhando para Marlene com abso-

luta fascinação.

OSWALDO (off) Só Ismaelzinho é que esqueceu da guerra e

ficou lá babando por causa de Marlene, feito se

tivesse vendo ao vivo e a cores a assunção de

Nossa Senhora.

O som ambiente declina, quase desaparece. Marlene encara com

estranheza o fascínio do admirador.

O som volta ao normal. Leovigildo surge em meio aos contendores.

LEOVIGILDO (chamando) Ismaelzinho!

OSWALDO (off) Aí apareceu seu Leovigildo atrás de Ismael-

zinho. Pra espantar a patuléia, o síndico puxou

o pau-de-fogo e acabou o baile.

Leovigildo dá um tiro para cima.

Cena 83 - RUAS DA CIDADE. EXT. DIA.

OSWALDO Aí chegaram os meganhas e arrastaram a rapaziada

pro distrito.

PASSAG. Todo mundo?

OSWALDO Não. Só Dona Esperança e seu Eugênio, mais Mar-

lene, que era o pivô do crime, e mais Ismaelzi-

nho, que só queria ficar olhando pro bibelô.

PASSAG. E daí?

OSWALDO Daí que Dona Esperança tomou um esculacho. E o

delegado ainda se engraçou pro lado de Marlene

- sabe como é: um avião daqueles o cidadão sem-

pre arruma um jeito de mostrar que ela tá com a

razão. (após um longo suspiro) Mas a vaca já ti-

nha ido pro brejo.

PASSAG. Como assim?

Cena 84 - DIANTE DO PRÉDIO DE MARLENE. EXT. DIA.

Um caminhão de mudanças acaba de ser carregado.

OSWALDO (off) Marlene acabou se aborrecendo com aquele

fuzuê todo. Resolveu sartar fora. E aquele mo-

numento foi-se embora de mala e cuia, pra infe-

licidade do Grajaú.

A câmara corrige e mostra Marlene acabando de arrumar as coi-

sas em seu carro, auxiliada por Ismaelzinho. Em seguida, des-

pede-se dele, afetando discretíssima intimidade, embarca em

seu carro e se afasta. Ismaelzinho permanece na calçada, como

santificado.

OSWALDO (off, sobre imagens acima) Desconfio que só

Ismaelzinho é que ficou sabendo pra onde é

que foi aquela apoteose. Logo o babaquara do

Ismaelzinho.

Cena 85 - AP DE ARNALDO. INT. NOITE.

Arnaldo e Mariana diante da TV, comendo pipocas assistindo a

um filme.

OSWALDO (off) Mariana fez as pazes com seu Arnaldo. Se

bobear, o coroa esqueçe das escurinhas e o ba-

calhau vai acabar desencalhando.

Os dois trocam sorrisos.

Cena 86 - AP DE ESPERANÇA. INT. NOITE.

Seu Eugênio acende as velas de uma mesa preparada para um

jantar romântico, o champagne no gelo, rosas num jarro etc.

OSWALDO (off) Seu Eugênio, depois que deu uma de ma-

cho no meio do sururu, entrou em lua-de-mel

com dona Esperança.

EUGÊNIO Cadê você, minha Pepê?

ESPERANÇA (mostrando só a cabeça à porta da cozinha)

Calminha, Eugênio. Tô só acabando de prepa-

rar a surpresa.

EUGÊNIO (esfregando as mãos) Vem logo, minha santa,

que hoje eu tô como o diabo gosta!

Esperança sai da cozinha empurrando um carrinho sobre o qual

há um prato rebuscado. Ao chegar junto à mesa, sai detrás do

carrinho e mostra-se de corpo inteiro, exibindo um short

idêntico ao de Marlene, só que dez vezes maior.

ESPERANÇA (numa pose sexy) Gostou, meu anjo?

EUGÊNIO A-do-rei!

PASSAG. (off) E Marlene?

Cena 87 - RUAS DA CIDADE. EXT. DIA.

OSWALDO Tomou chá de sumiço, puf, sumiu no ar.

PASSAG. Completamente?

OSWALDO É. De vez em quando eu ainda faço o retrato-

falado daquele bibelô pros colega.

PASSAG. Teve alguma notícia?

OSWALDO Não. Neguinho não viu foi nada, xongas, neres

de pitibiribas. (lírico) Mas um dia, brother,

se Oxalá me ajudar, eu ainda tiro na Sena e

essa deusa aparece de novo no céu da minha vi-

da. E tu quer saber como é que vai ser o final

da história? Hein? Quer saber?

Cena 88 - NIGHT-CLUB. INT. NOITE.

Mesmo cenário de cenas anteriores. Marlene ao microfone, du-

blada, arrematando seu número de crooner. Oswaldo se aproxi-

ma, num magnífico summer-jacket, e toma-a pela mão. Ao som da

música, os dois fazem um discreto *pas-de-deux*. Para arrematar,

ele puxa a deusa para si, reproduzindo a pose clássica do per-

fume Promessa de Mirurgia. Os dois se beijam. Uma *máscara* emol-

dura a cena à maneira do cinema mudo. Fim.